a escola: desejo do analista e a deriva da pulsão

Eliane Z. Schermann

A psicanálise em intensão, correlata à didática, prepara os operadores da Escola. Além de garantir aqueles que procedem de sua formação, uma das funções da Escola é a de presentificar a psicanálise no mundo — psicanálise em extensão. Incluir a transmissão no cerne do campo psicanalítico exige o estudo dos textos que dão consistência à psicanálise. Mas isso não basta, pois é preciso que o saber advenha no lugar da verdade, que somente se escreve ao se furtar no que se sustenta, no "um a-menos", lugar que se contabiliza sem ser. O saber textual adquirido da consistência dos textos psicanalíticos não é sem conseqüência, embora seja insuficiente para a experiência.

Indagamos o que é feito com o resto de transferência do sujeito suposto saber. Lacan destaca a letra na contingência sintomática e fantasmática que se extrai do "não cessa de *não* se escrever" portando a marca ao necessário que "não cessa de se escrever". É a letra que dirige o tratamento desde o começo, mantendo esta interrogação que não se atém apenas aos finais de análise. Decantada do sujeito pelo ato analítico, ela pode, por sua insistência, convocar ao dizer.

Lacan destaca a letra que "não cessa de *não* se escrever". Desprendida do "não" do recalque, suportando-se no oco do Outro que não responde, poderá a letra advir como efeito didático de uma análise? Deste necessário que "não cessa de se escrever", uma lógica impõe-se sobre a letra a operar. Trata-se de um saber lidar com o que se depurou da *alíngua*, testemunho de um saber lidar com o que escapa ao inconsciente, no *a posteriori* do esvaziamento do sintoma e do atravessamento fantasmático. O que pode advir ao final de uma análise? No estilo que se transmite, ou no que se extrai de efeito didático da transferência, o que insiste é o que resta do pulsional decantado dos impasses lógicos de um saber já instalado antes que seja feita a descoberta.

Quais os critérios para um possível dizer: há aí um analista? Qual a formação suficiente para um analista? Interrogar os efeitos da análise sobre o sujeito é interrogar suas modificações, as ultrapassagens de seus impasses, até que reste um real. Neste sentido, um analista é efeito da experiência do inconsciente, é um produto das formações do inconsciente à medida que este é marcado por uma abertura. A passagem de

analisante a psicanalista, ou seja, o tornar-se analista, em sua experiência do real, coloca em questão uma ultrapassagem a partir da qual o analista pode ser convocado pelo desejo ao dizer a partir de sua experiência. O que fala nele?

Espera-se de um final de análise o esvaziamento de gozo das posições subjetivas em relação ao Outro. É isto que Freud nos ensina em seu texto "Uma criança é espancada". Freud nos abriu uma via para a reflexão sobre a noção paradoxal de satisfação pulsional substitutiva em duas vertentes. Primeiramente, aquela relativa às identificações ao sintoma delimitadas pelas balizas fantasmáticas. Em seus últimos escritos, ele aborda um incurável. Ir além da novela familiar, ir além do pai e além do Édipo exige uma ultrapassagem necessária dos pontos de impasse de uma história de desejo. Esta ultrapassagem não se refere apenas às contingências evocadas pela figura obscena e feroz do supereu freudiano em seu aspecto de sem-sentido, mas ao necessário que insiste a partir de um irredutível, efeito da exigência pulsional depurada da experiência.

O contingente da experiência relativo ao "cessa de *não* se escrever" esbarra nos impasses da transferência, do sintoma e da castração. A experiência do real, correlata a estes impasses, "cessa de *não* se escrever". A partir destas contingências é que podemos operar em análise. Despojando-se do mandato de "Seja feita a sua vontade", relativo ao desejo do Outro, é possível alcançar suas conseqüências. Pela clivagem deste discurso, opera-se uma lógica, que nada mais é do que a redução dos elementos da linguagem a uma constante. Em "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano", encontramos uma orientação: a fantasia reduz-se à pulsão. Deste resto pulsional que insiste, algo pode ser transmitido.

O sintoma que, inicialmente em um tratamento, esbarra em pontos de impasse de satisfação substitutiva, passa, com Lacan, a ser abordado como excesso em perda. Do "ao menos-Um do Outro", significante que falta, correlato a um resto excedente de gozo, algo insiste em se tornar um dizer. Não se trata mais do gozo que fecha o inconsciente, mas de um resto, um real pulsional a vir a funcionar em lugar de causa. Ao dizer que o psicanalista tem horror ao seu ato, Lacan chama a atenção para o pensamento realizando-se contra a pulsão (*Trieb*), que, no entanto, é sua fonte na exposição falada ou escrita. Do ato, podemos extrair uma nova relação entre o gozo e o significante. Isto porque o ato psicanalítico recaiu sobre o que não pode ser dito, produzindo um saber sem sujeito. É quando, então, contra o horror e o esquecimento do ato, um analista é convocado ao

dizer. Esta abertura provoca seus efeitos, que se sustentam em um resto de voz, isto é, na inconsistência do Outro.

Um final de análise vai além dos pontos de impasse da castração. A assunção da castração cria a falta pela qual se institui o desejo. No nível da pulsão, não há perda. No entanto, no nível inconsciente, sim, há perda. Que destino dar a este resto excedente fora das balizas fantasmáticas? Algumas questões, então, colocam-se sobre os finais de análise. Donde advém o desejo do analista? Como alcançar o que é da ordem do Outro real para que este condescenda ao desejo? Este questionamento remete à pulsão em dois aspectos: o primeiro é relativo ao que resta da demanda quando esta se reduz a um corte e o segundo, ao resto de gozo pulsional que produz seus efeitos.

Dividindo o sujeito, a pulsão está em jogo no desejo. Este não se sustenta senão no desconhecimento da íntima e estranha relação entre a divisão e o corte dos quais um objeto é decantado para advir na causa do desejo. Tal é o percurso do atravessamento da fantasia ao saber sem sujeito. No entanto, para se dizer "há aí um analista", este deve estar advertido do que nele é desconhecimento.

O corte, o ato ou o *Witz* escapam à dimensão de sentido. Neles, há uma vertente silenciosa que põe em jogo o que não pode ser dito, mas faz signo ao real do gozo em perda onde habita o silêncio pulsional. Ali onde se depositou o verbo, o consentimento à pulsão deve advir. Se o sintoma traz um dizer do gozo, se a fantasia escreve uma gramática pulsional, estes devem deixar ecoar o componente sutil que decanta o objeto na pulsão. O irredutível da pulsão, advindo desde um lugar de corte, subverte o inconsciente para produzir o desejo do analista na equivalência ao que se extrai da derrisão das identificações.

Para Lacan, o caminho e o efeito da determinação significante, que implica falta, perda e causa, é contingente. Falar de significante é falar de algo opaco. Ao definir o significante como o que representa um sujeito para o outro significante, quer dizer que ninguém saberá nada, exceto o outro significante. No entanto, este significante é acéfalo, ele é apagado ao mesmo tempo em que aparece. O significante, sob qualquer forma que ele se produza no sujeito, não saberia juntar-se ao representante de significante sem que se produza a perda que nomeamos no objeto *a*.

Cabe sublinhar que da falta inicial, falta de sujeito, o desejo progride na experiência em direção à subjetivação da castração fálica — o que implica levar em conta a perda que estava ali no bilhete de entrada. O que é perda estava ali desde

o começo, carregando em si o germe da causa que cinde. A perda do objeto, alocada na origem do inconsciente, deve realizar-se em outro lugar. Não se realiza no sujeito, mas no analista. O desejo do analista advém ao lugar extraído, caído dos suportes — voz, olhar — dos quais o sujeito utilizava-se para se localizar no desejo do Outro.

Segundo Freud, a experiência de análise é um percurso que vai da tragédia humana à miséria banal. Lacan faz da miséria banal freudiana um efeito do ato de destituição subjetiva e de *desser*. Na tragédia, podemos evocar as maldições da pré-história familiar que insistem desde o mais além do princípio do prazer. As maldições do Outro introduzem a idéia de uma concatenação e de uma multiplicidade de causas acidentais, contingentes, confluindo para produzir um efeito. Freud destaca da pré-história a cristalização de vivências impossíveis de serem conhecidas diretamente. Lacan oferece uma solução: a referência estrutural, já que estas cristalizações são fatos de estrutura. Do oco do Outro, podemos deduzir as causas porque, sobre este vazio, incide o contingente. Nele está a fonte do pulsional.

psicanalisar: função do impossível?

Da difícil tarefa de dizer "há aí um psicanalista", podemos refletir sobre os momentos de subversão e torção que permitem falar da passagem de analisante a analista. Tratando-se do tornar-se analista, há um impossível lógico a ser depreendido do final de uma análise que não permite assegurar o lugar desde o qual pode funcionar um analista. Por isso, é necessário demonstrá-lo.

O impossível lógico não é o oposto do possível, mas é relativo ao real em jogo na experiência. O impossível não se contrapõe simplesmente ao possível: é correlato ao não-senso e ao choque real. Sendo a pulsão de morte um dos nomes do real, ela carrega a marca dos pontos de retorno pulsional para permitir ao real, mais uma vez, enlaçar-se ao simbólico e ao imaginário. Se o real não tem sentido, o saber só é atingido errando-se o alvo.

Para além do terapêutico, será o impossível atualizado no desejo do analista? Como nos ensina Lacan, este subsiste "no amor infinito"[1] em lugar do "verdadeiro amor",[2] que, segundo Lacan, desemboca no ódio. Qual o destino da pulsão do amor? Este resto não-necessário, irrompendo na contingência, pode ser operado no espaço aberto "entre" pelo-menos dois significantes. Se a transferência é a colocação em ato do inconsciente, o amor de transferência começa com uma necessidade suposta que, a partir do ato, desvela-se apenas contingente. O que ocorre com o resto de transferência do

[1] LACAN. *O seminário: livro 11* – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, p.260.

[2] LACAN. *O seminário: livro 20* – mais, ainda, p.200.

sujeito suposto saber? Renunciando ao objeto de amor no Outro, um analista funda-se na contingência estrutural do encontro com o objeto causa de desejo, ou seja, aquele que se desprende de sua "alma".

O analista deve saber (dever ético) que o lugar que ocupa como causa a advir é produto da contingência. Convém lembrar que os analistas não devem se sentir necessários, pois, no final de uma análise, cessarão de se escrever. Deste lugar oco, uma porta pode-se abrir para o desejo do analista. O desejo do analista é bem diferente do desejo de ser analista. Isto porque, no final de uma análise, é o próprio ser esvaziado de sentido. Do sentido antes aprisionado ao sintoma e às identificações, aos S1 determinantes de uma história, resta apenas um sentido gozado, para dele estar advertido.

Lacan pergunta: "o que a psicanálise nos ensina? como transmiti-la?". Na "Ata de 64", ele afirma: "na psicanálise como experiência inaugural... (que consideramos referida ao ato psicanalítico a partir do qual o desejo se modifica)..., o ensino da psicanálise não pode transmitir-se ao outro senão por vias de uma transferência de trabalho". De que transferência se trata, de que trabalho se trata? No decorrer desta reflexão, destacamos que o inconsciente trabalha no sentido de "nada querer saber d'isso". No entanto, parodiando Aristóteles, é com a "alma" que o analista trabalha. Ao reduzir a "alma" a um simples suporte, o objeto *a*, um analista deixa-se conduzir pelo oco aberto pela renúncia ao gozo contingente. Esta renúncia é efeito do ato que o determinou como saber sem sujeito. É no discurso exercendo-se em função da renúncia ao gozo que se introduz o objeto *a*.[3] A renúncia ao gozo não é novidade. É, ao contrário, o que institui o mestre que, na verdade, pretende fazer dela o princípio de seu poder. Seria este referido ao que Lacan destaca no saldo cínico?

Cito Lacan, no *Seminário XI*:

> O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limites, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver".[4]

O desejo do analista, como diferença absoluta, fará obstáculo à operação da transferência. Este desejo advém do

[3] Recordemos que, na *Direção do tratamento e os princípios de seu poder*, Lacan destaca as renúncias do analista, dentre elas, a renúncia à sua pessoa, à consistência do ser.

[4] Lacan. *O seminário: livro 11* – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, p.260.

consentimento ao objeto heterogêneo cujo desprendimento foi efeito da travessia fantasmática e da decantação sintomal.

O amor extraído deste mais-além dos impasses da castração e da lei renuncia ao objeto, restando apenas uma marca, marca de um estilo de vida, marca de exclusão, a marca do analista. Ao advir da colocação em ato da pulsão, o analista evoca o que, ao mesmo tempo, escapa à verdade do inconsciente. Portando a marca da exclusão, o analista nada é além dessa marca. Signo da queda do SsS, de uma disjunção, no final da experiência analítica resta apenas uma marca a ser operada. Este irredutível alcança um mais-além do inconsciente, quando, então, pode funcionar como dizer a partir do lugar onde reside o reservatório silencioso das pulsões.

Desde Freud até Lacan, perguntamo-nos qual comunidade deverá ser constituída para e por analistas e não-analistas. Será aquela na qual o *efeito* do significante considerado como *verdade* advém do deslizamento da cadeia articulada quando esta alcança a função do real para fazê-lo falar e agir a partir da enunciação sustentada pelo discurso que a determina?

Na *Nota aos italianos*, Lacan propõe a entrada para a Escola pelo passe. Sua tese era romper com uma prática adotada pelas sociedades que fazem dos analistas uma congregação hierárquica, como destaca em seu texto "Situação da psicanálise em 56", e onde proliferam "suficiências", "beatitudes" e os "sapatinhos apertados". Ainda na *Nota aos Italianos*, Lacan apresenta uma de suas propostas fundamentais: "o analista autorizando-se por si mesmo, também dê provas de que na Escola haja analistas". É o que nos leva a apostar que esses sejam reconhecidos pelos seus congêneres pela sua marca de exílio da ex-sistência da não relação-sexual. Nesta mesma *Nota*, ele afirma: "é do não-todo que provém o analista". A partir dessa prática, ele exclui a possibilidade de qualquer um autorizar-se analista, exceto aqueles que dessem provas de "sua experiência no que ela toca o ser para fazê-lo nascer da falha que produz o ente ao se dizer", como afirma em *Radiofonia*. Ao que acrescentamos com Lacan, no mesmo livro: "o autor é aquele que se deixa ser veículo de um desejo que o ultrapassa".

A experiência não existe sem o ato e, para tanto, faz-se necessário "perseverar a verificação do assujeitamento ético ao real da psicanálise".[5] Reconhecidos pela Escola como psicanalistas por terem dado suas provas pelo trabalho, pela transmissão, e/ou pela experiência analítica, os AME e os AE, cada um com suas especificidades, serão a garantia que a Escola sanciona e de cuja formação procedem. Aqui, chamamos a

[5] Cito as palavras proferidas por Pereña em debate sobre o texto de Lacan "Discurso a EFP", quando de sua estadia no Rio de Janeiro, em agosto de 2000.

atenção para o fato de que a nominação de AE e AME também podem ser tomadas na vertente das identificações, que se revelam como "enganação" do SsS. A Escola deve ser um lugar de acolhimento à equivocação e ao engano à medida que ambos são relativos à verdade em seu meio-dizer. Isto porque a psicanálise funda-se edificando-se sobre o real.

Ao destacarmos uma citação extraída de *Televisão* — "isto não será um progresso se for apenas para alguns" —, somos convocados a pensar na psicanálise em extensão. Se a psicanálise incita-nos a ultrapassar os limites do contingente e a trabalhar sobre o incalculável de seus efeitos, também convoca-nos a pensar sobre a transmissão, produto da enunciação que, espera-se, venha a provocar seus efeitos na psicanálise no mundo. Somente assim, podemos pensar o campo lacaniano em relação à Escola. Lacan define o campo lacaniano como um campo onde se possa exercer a dinâmica e o turbilhão das enunciações em suas verdades e em seu meio-dizer.

A Escola, então, será o lugar a partir do qual as instâncias de garantia possam vir a favorecer a psicanálise, funcionando como Campo contra a inércia do gozo. Neste sentido, a Escola seria o lugar no qual se espera que o *gradus* presentifique o discurso do analista. Isto porque o *gradus* é relativo às provas que um analista dá de sua formação na Escola da qual procede. Esta é uma aposta no dizer da enunciação endereçado à Escola e a partir dela, ou seja, o campo de acolhimento do efeito do discurso do analista.

Algumas questões podem ser pensadas: "Quando a Escola garante o AME, garante a pessoa em seu funcionamento como analista?" Vamos considerar, em relação ao AME, que a Escola não garante que haja produção do analista. Garante uma experiência e, na melhor das hipóteses, uma certa posição ética.

Podemos dizer que a verificação do passe propõe-se a garantir que tal pessoa funciona como analista? Talvez possa apenas dar provas de que em seu tratamento houve algo que produziu uma posição de analista a partir de uma modificação de sujeito sob o efeito do ato.

Destacamos, desta forma, a oposição entre ato e a relação de um sujeito com a psicanálise, sujeito que pode ou não estar na posição de analista. Há o passe como ato e o passe como demanda. A demanda do passe calcada na demanda de amor e seu conseqüente pedido de reconhecimento não permite situar a demanda na posição de passante. Refletir sobre estes pontos é o que nos permitirá verificar, no passe, o analista produzido como efeito do ato analítico.

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. *Uma criança é espancada: uma contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais* (1919). Rio de Janeiro: Edições Standard do Brasil, 1974. v.XVII.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 11* – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 20* – mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

LACAN, Jacques. Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *Televisão.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

resumo

Para discutir a formação do analista e sua relação com a Escola de psicanálise orientada pelos ensinamentos de Freud e Lacan, este trabalho retoma as contingências da experiência analítica e o amor de transferência, referindo-os às noções de *resto de transferência, ato analítico, saber sem sujeito,* para alcançar o assujeitamento ético ao real da psicanálise.

abstract

In order to discuss the psychoanalyst formation and its relation to the psychoanalysis school oriented by Freud and Lacan, this essay revisits the contingencies of the analytical experience and the love of transference. Then these terms are related to notions of *transference remains, analytical act* and *knowledge without subject,* in order to reach the ethical subjection wich is ethical in the reality of psychoanalysis.